



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS - FRANCÊS**

**ENE DOS SANTOS SILVA**

**ESTUDO COMPARATIVO FONÉTICO-FONOLÓGICO: FRANCÊS, CRIOULO  
GUIANENSE E KHEUOL (KARIPUNA, OIAPOQUE)**

Oiapoque - AP  
2025

## **ENE DOS SANTOS SILVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras Francês-Português – Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientadora: Prof. Esp. Elizângela Manoela Araújo

## RESUMO

Este artigo apresenta uma análise comparativa preliminar dos sistemas fonético-fonológicos do francês, do crioulo guianense e do Kheul (variedade Karipuna) na região de Oiapoque (AP). O corpus consiste em traduções paralelas do poema *Limyè mo santiman*, de Waddy-Many Camby Benoît — versão original em crioulo guianense, versão em francês e versão em Kheul elaborada com a colaboração de um falante nativo da Terra Indígena Uaçá. Selecionaram-se oito formas recorrentes nas três línguas para transcrição e comparação com base no Alfabeto Fonético Internacional (AFI). A análise evidencia a preservação de vogais nasais e a simplificação de encontros consonantais no Kheul Karipuna, além da substituição frequente da vibrante uvular /ʁ/ por fricativa ou glotal (/h/). Devido ao corpus reduzido e à participação de um único consultor, os resultados são considerados preliminares, mas apontam tendências fonéticas que merecem verificação futura com mais falantes, textos orais e análises acústicas. A pesquisa reforça a importância da documentação fonética e propõe diretrizes metodológicas para cor-documentação comunitária.

**Palavras-chave:** Fonética Comparativa; Kheul; crioulo guianense; francês; contato linguístico; documentação.

## RÉSUMÉ

Cet article présente une analyse comparative préliminaire des systèmes phonéto-phonologiques du français, du créole guyanais et du kheuol (variante karipuna) dans la région d'Oiapoque (Amapá, Brésil). Le corpus est constitué de traductions parallèles du poème *Limyè mo santiman* de Waddy-Many Camby Benoît : version originale en créole guyanais, version française et version en kheuol réalisée avec la collaboration d'un locuteur natif de la Terre Indigène Uaçá. Huit formes communes aux trois langues ont été sélectionnées pour une transcription selon l'Alphabet Phonétique International (AFI). L'analyse révèle la préservation des voyelles nasales et la simplification des groupes consonantiques en kheuol, ainsi que la substitution fréquente de la vibrante uvulaire /ʁ/ par une réalisation fricative ou glottale (/h/). En raison de la taille limitée du corpus et de la participation d'un seul consultant, les résultats sont considérés comme préliminaires. La recherche souligne l'importance de la documentation phonétique et propose des orientations méthodologiques pour la co-documentation communautaire.

**Mots-clés:** phonétique comparative; langue kheuol; créole guyanais; français; contact linguistique; documentation.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>2. Referencial Teórico .....</b>	<b>6</b>
2.1 Contexto Sociolinguístico e Histórico – O povo Karipuna do Amapá.....	9
2.2 A importância da valorização da língua Kheul para o povo karipuna .....	14
2.3 Fonética e Fonologia: Conceitos Fundamentais .....	15
2.4 Características Gerais das Línguas em Estudo .....	15
Língua francesa.....	16
O crioulo guianense .....	16
A língua kheul.....	16
2.5 Contato Linguístico e Interferências Fonéticas .....	16
<b>3. Metodologia.....</b>	<b>17</b>
3.1 Corpus da pesquisa .....	18
3.2 Procedimentos de análise.....	18
<b>4. Análise Comparativa Fonética .....</b>	<b>19</b>
4.1 Sons Vocálicos .....	24
4.1.1 Observações sobre os vocálicos: .....	24
4.2 Sons Consonantais.....	25
4.2.1 Consonantes observadas: .....	25
4.2.2 Destaques:.....	26
4.3 Prosódia e Ritmo .....	26
Exemplo:.....	26
4.4 Fenômenos Fonéticos de Contato.....	26
4.4.1 Principais fenômenos observados: .....	26
<b>5. Discussão dos Resultados .....</b>	<b>27</b>
5.1 Implicações Linguísticas .....	27
5.2 Relações Identitárias e Dinâmicas Culturais.....	28
5.3 Multilinguismo e Contato Linguístico na Fronteira.....	28
5.4 A Urgência da Documentação e Valorização .....	29
<b>6. Considerações Finais .....</b>	<b>29</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>31</b>

## 1. Introdução

O presente estudo propõe uma análise comparativa dos sistemas fonético-fonológicos de três línguas em contato na fronteira Brasil–Guiana Francesa: o francês, o crioulo guianense e o kheuol karipuna, língua indígena falada pelo povo Karipuna na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque (AP).

Embora o Brasil seja amplamente percebido como um país monolíngue, a realidade sociolinguística amazônica revela uma multiplicidade de línguas indígenas e de contato (FUNAI, 2022; BAGNO, 1999). Na fronteira do Oiapoque coexistem o português, o francês, o crioulo guianense e o kheuol karipuna, configurando um espaço de intenso plurilinguismo.

O kheuol karipuna tem origem no contato entre o crioulo guianense e as línguas faladas pelos Karipuna, especialmente a partir do século XX, período marcado por intensas relações comerciais com a Guiana Francesa (ANIKÁ, 2021; SILVA, 2023). Hoje, é reconhecido como um símbolo de identidade e resistência cultural, embora apresente declínio no número de falantes (BARROS, 2017).

O objetivo geral deste trabalho é identificar as semelhanças e diferenças sonoras entre o francês, o crioulo guianense e o kheuol karipuna, e compreender como o contato entre essas línguas influenciou suas estruturas fonéticas e fonológicas. Quanto aos objetivos específicos são:

- Apresentar os inventários sonoros das três línguas;
- Comparar sons vocálicos e consonantais;
- Analisar ritmo e prosódia;
- Identificar fenômenos de convergência e adaptação fonética.

A questão norteadora é: quais são as convergências e divergências fonético-fonológicas entre o francês, o crioulo guianense e o kheuol karipuna, e como essas línguas se influenciaram no contexto do Oiapoque?

## 2. Referencial Teórico

A diversidade linguística presente na região tem resultado em interações complexas e, por vezes, híbridas nas práticas comunicativas cotidianas. Estudar os fenômenos fonético-fonológicos que emergem dessa convivência é fundamental para compreender como línguas em contato se influenciam mutuamente, seja por meio de modificações internas ou pela

resistência a pressões externas. Este trabalho propõe investigar as relações entre os sistemas fonéticos e fonológicos de três línguas em destaque, com ênfase no contato entre o Crioulo guianense e o Kheul Karipuna. Após um período prolongado de convivência intensa entre essas línguas, observa-se a ocorrência de misturas e trocas de expressões entre os falantes, fenômeno conhecido, segundo o linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues, como convergência linguística.

**Convergência linguística** é um tipo de mudança linguística em que as línguas se assemelham estruturalmente umas às outras em resultado do contato linguístico prolongado e da interferência mútua, independentemente dessas línguas pertencerem à mesma família linguística, ou seja, derivam de uma protolíngua genealógica comum (RODRIGUES, 1986, p.44).

Nesse contexto, destaca-se a língua Kheul Karipuna, falada pelos Karipuna, que teve origem a partir do contato prolongado com o crioulo guianense, especialmente desde o século XX. Esse processo de formação linguística ocorreu em um período em que o Estado do Amapá era considerado território contestado, havendo disputas fronteiriças com a Guiana Francesa. A região norte do estado, com destaque para o município de Oiapoque, desempenhou papel central nesse cenário de intensas trocas culturais e linguísticas.

A chegada do século XX representa um momento decisivo. A região era conhecida até então como Território Contestado. A disputa pela posse da região entre França e Brasil só foi resolvida no ano de 1900, pelo Laudo Suíço, a partir dos esforços da diplomacia brasileira representada pelo Barão do Rio Branco. A decisão do Contestado despertou a atuação do governo brasileiro para as populações da fronteira, considerando a urgência de “abrasileirar” seus costumes. (VIDAL, 2007, p.15).

Além de representar uma importante contribuição para os estudos de contato linguístico, esta pesquisa também se configura como um esforço pela valorização das línguas indígenas, especialmente diante do cenário de redução do número de falantes e do avanço da hibridização. Esse processo, caracterizado pela fusão, evolução e renovação das línguas em contato, resulta na incorporação de novos elementos ao vocabulário, fenômeno amplamente observado nas comunidades situadas em regiões fronteiriças.

A comunidade indígena Karipuna vive hoje uma situação preocupante: a possível extinção da língua Kheul karipuna, falada por seus antepassados ao longo de décadas. A perda desse idioma representa uma ameaça direta à continuidade da cultura, dos costumes e das tradições do povo Karipuna. Práticas como caça, pesca, dança, narrativas ancestrais e demais

saberes transmitidos entre gerações correm o risco de desaparecer em decorrência do crescente contato com a sociedade envolvente. A extinção da língua Kheul karipuna pode, portanto, levar consigo todo esse valioso patrimônio cultural.

Nesse cenário, Barros (2017) destaca a gravidade da possível extinção de línguas indígenas, especialmente da língua Kheul karipuna, considerada altamente ameaçada. Segundo o artigo *O som de 10 línguas indígenas em perigo de extinção*, a pesquisadora afirma que o Kheul karipuna vem sendo cada vez menos utilizado nas aldeias, e alerta: “Não investimos em estudar a estrutura dessa língua e sistematizá-la. E com a influência do português, ela vai sendo corroída por dentro” (BARROS, 2017). Diante desse contexto, observa-se que muitos indígenas Karipuna já não dominam ou utilizam a língua Kheul karipuna, que hoje é mais preservada entre adultos e idosos. Jovens e adolescentes raramente a falam ou escrevem, embora seus pais ainda se comunicam com eles em Kheul karipuna dentro de suas casas.

Aniká (2021) em seu artigo ressalta que essa situação tem se agravado progressivamente na comunidade, levando à implementação de algumas iniciativas em parceria com a escola local e com os membros da comunidade, com o objetivo de preservar e revitalizar a língua.

Observando a preocupação dos autores com o kheul com os mais jovens de sua comunidade, onde o PB cada vez mais vai ocupando espaço de prestígio no cotidiano dos mais jovens, é importante ressaltar novamente que o kheul da comunidade Manga e as crianças e os mais jovens que não falam e nem mostram interesse em aprender a língua kheul. Porém a escola tem tentado com pequenas ações como: semana cultural que é realizado uma vez por ano, no fortalecimento da língua kheul com os alunos e jovens da comunidade escolar. (ANIKÁ, 2021, p.41)

A cada geração, observa-se uma crescente desvalorização da língua pela população indígena, o que representa uma preocupação significativa para a preservação cultural desses povos. Diante desse cenário, o presente estudo busca ampliar o repertório científico sobre línguas em situação de minoria, as quais frequentemente carecem de registros sistematizados e análises aprofundadas sobre sua estrutura linguística. Trata-se de um instrumento estratégico voltado à preservação e valorização da língua Kheul Karipuna, falada pelo povo indígena Karipuna e por outras comunidades que compartilham essa língua. Vale destacar que o foco da pesquisa está no funcionalismo sonoro — ou seja, nas similaridades fonéticas entre as palavras e suas particularidades. Para compreender os fatores que influenciam esse fenômeno, é necessário investigar a história desses povos e seus sistemas linguísticos.

## 2.1 Contexto histórico e sociolinguístico do povo Karipuna

Os povos Karipuna, Galibi e Palikur habitam as Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã (VIDAL, 2007). Desde o século XX, o contato com comunidades crioulas e francófonas da Guiana Francesa favoreceu um processo de bilinguismo e interferência linguística. O kheuol karipuna, inicialmente conhecido como patoá, consolidou-se como língua materna karipuna, incorporando vocábulos e estruturas fonéticas do crioulo guianense e, indiretamente, do francês (ANIKÁ, 2021; SILVA, 2023).

A repressão à língua, sobretudo durante o período militar, quase levou à sua extinção (TASSINARI, 2003). A partir da década de 1980, mobilizações comunitárias e projetos educacionais, como o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (UNIFAP), passaram a valorizá-la como patrimônio cultural e instrumento de afirmação identitária.

Os Galibi do Oiapoque, os Karipuna, os Palikur e os Galibi-Marworno somam uma população de aproximadamente cinco mil pessoas, distribuídas em 36 aldeias e localidades adjacentes nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã. Estas Terras Indígenas, demarcadas e homologadas, configuram uma grande área contínua, cortada a oeste pela BR-156, que liga Macapá a Oiapoque. (VIDAL, 2007, p.12)

Todos os povos indígenas que habitam a região do município de Oiapoque encontram-se em territórios oficialmente homologados e demarcados, conforme estabelece a Constituição Federal de 1988. A consolidação desse processo representou uma conquista significativa, culminando com a homologação de suas reservas em 1992, como destaca Vidal (2007, p. 15).

Historicamente, os povos indígenas da região viviam em relativo isolamento, o que possibilitou a preservação de sua língua e cultura até o estabelecimento de contatos com não-indígenas e com a população da Guiana Francesa. Com o objetivo de garantir a continuidade de seus traços culturais e linguísticos, foram adotadas iniciativas voltadas à preservação do modo de vida tradicional dessas comunidades. Como aponta Vidal (2007, p. 14) “às populações autóctones uniram-se outros povos indígenas provenientes do baixo Amazonas, bem como populações negras refugiadas alforriadas”.

No período colonial, o contato com missionários e colonizadores europeus provocou o deslocamento forçado de diversos grupos étnicos. Muitos buscaram refúgio para escapar das ações exploratórias dos colonizadores; no entanto, nem todos conseguiram sobreviver à esse processo, como relata à autora em suas pesquisas.

Desde o século XVI, relatos de viajantes e missionários que estiveram na região cita os nomes desses povos, juntamente com dezenas de outros atualmente extintos. Por meio desses relatos, temos notícias da conturbada história que os povos nativos vivenciaram desde a conquista dos europeus. (VIDAL, 2007. p. 13).

A chegada dos europeus à região teve como um dos principais objetivos a exploração da mão de obra indígena por meio do trabalho forçado, tratando-os como serviçais. Essa prática faz parte de um processo histórico de dominação e desumanização, como aponta o autor em seus registros.

Na região do Oiapoque, os indígenas foram sistematicamente utilizados como mão de obra nas frentes coloniais, sob regimes de servidão disfarçada ou alianças forçadas. A captura, a fuga, o escambo e o aldeamento funcionaram como mecanismos paralelos de controle e exploração. A dependência dos colonizadores da força de trabalho indígena revela que o domínio territorial foi sustentado por uma constante apropriação do corpo e do saber nativo. (Bilivia, 2020, p. 145, *apud* Métraux, 1948)

“A perseguição e a escravização desenfreada dos índios pelos colonos era justificada pelos últimos com a sua própria ‘incapacidade financeira’, que os impedia de comprar escravos negros, bem mais caros que os índios” (JAMERS O e SOUZA. 2002, p.02).

Com base na teoria do autor, observa-se que à intensificação do comércio transfronteiriço levou os Karipuna a estabelecerem relações comerciais frequentes com comunidades falantes do crioulo guianense. Esse contato constante gerou, gradualmente, um processo de bilinguismo e de interferência linguística entre a língua indígena então falado e o crioulo guianense, contribuindo para o surgimento da língua Kheuol Karipuna — especialmente no vocabulário e na pronúncia.

As trocas comerciais entre os Karipuna, os crioulos e os franceses tiveram início no século XX, período em que os indígenas transportavam produtos agrícolas e extrativistas, como mandioca, farinha, frutas, castanha-do-Pará, pescados e demais itens da floresta, para serem comercializados na Guiana Francesa, mais especificamente na cidade de Saint George, situada abaixo do rio Oiapoque, já em território francês. Como destaca a autora Lux Vidal: “Há décadas os povos indígenas da região mantêm contatos frequentes com os moradores das cidades de Oiapoque especialmente, e de Saint-Georges, na Guiana Francesa, onde vendem seus produtos agrícolas” (VIDAL, 2007, p.15).

Os produtos agrícolas e extrativistas eram transportados das aldeias pelos indígenas Karipuna através do rio Oiapoque, utilizando embarcações fluviais como canoas — comumente usadas para pesca — ou barcos de maior porte. Esse deslocamento até a cidade de Saint George, na Guiana Francesa, favoreceu o contato direto entre os Karipuna e as comunidades falantes do crioulo guianense. Supõe-se que foi nesse contexto comercial e de interação cultural que se intensificou a influência do crioulo sobre a língua indígena, levando ao surgimento de uma nova língua conhecida inicialmente como Patoá, hoje oficialmente denominada kheuol.

De acordo com Aniká (2021), em sua dissertação de mestrado *Ensino de Língua Kheuol Karipuna na Escola Indígena Jorge Iaparrá*, as línguas faladas na época da chegada dos Karipuna à região eram o Nheengatu e o português, as quais foram progressivamente substituídas pelo Patoá, que se manteve com esse nome por várias décadas. ‘[...] estas duas línguas foram substituídas, num período de três gerações, uma língua que adotaram como língua materna denominada “patoá” de origem francesa’. (ANIKÁ, 2021, p.20).

É evidente que a língua kheuol karipuna, assim como o crioulo guianense, apresenta traços lexicais e fonéticos semelhantes aos da língua francesa — reflexo de sua origem crioula, conforme explica Silva (2017) ao tratar do surgimento da língua. Compreender a origem e os vínculos históricos do kheuol karipuna é essencial para valorizar não apenas a língua, mas também a cultura, a história e a identidade do povo Karipuna.

O Kheuól do Uaçá deriva do guianense, língua que surgiu em Caiena, atual Guiana Francesa, no contexto colonial dos séculos XVII-XVIII, a partir do francês. Eles reforçam que a estrutura crioula se consolidou com a presença de vários grupos parametrizados social e culturalmente em fronteira, para depois fixar-se como identidade linguística karipuna no século XX (SILVA, 2017, n.p).

Segundo o autor, é possível compreender a origem da língua kheuol karipuna a partir do contexto histórico de contato linguístico com o crioulo guianense, especialmente durante o período colonial dos séculos XVII e XVIII. Esse vínculo nos leva a refletir sobre as semelhanças lexicais entre ambas as línguas. Por outro lado, destaca-se que a língua francesa constitui o tronco linguístico comum tanto do crioulo guianense quanto do kheuol karipuna. Esse processo é exemplificado pelo fenômeno do superstrato — quando uma língua dominante se impõe à outra em situações de conquista, exploração ou colonização. No caso do crioulo guianense e do kheuol karipuna, é possível identificar claramente traços do francês em seus vocabulários, fruto da influência direta dos colonizadores franceses.

Assim como exposto na obra *O português do Brasil: questões de substrato, superstrato e adstrato*, de Garcia (UERJ), a definição de superstrato apresentada por Martinet é essencial para compreender a formação da língua kheuol. Segundo o linguista, o superstrato refere-se ao “conjunto de elementos linguísticos trazidos por uma língua vinda do exterior que coexistiu, por algum tempo, com a língua local” (Garcia apud Martinet, 2002, p. 72). Nesse contexto, é possível afirmar que o francês — vindo da Europa — e o crioulo guianense coexistiram por muitos anos com a língua indígena dos Karipuna, o que contribuiu diretamente para o surgimento da língua kheuol como língua resultante desse contato linguístico prolongado.

Para reforçar o que foi discutido anteriormente, podemos recorrer ao artigo *Documentação Linguística, Pesquisa e Ensino: Revitalização no Contexto Indígena no Norte do Amapá*, o qual contribui para aprofundar a reflexão sobre os processos de criouliização. Nele, à autora Campetela apresenta a perspectiva de Holm, segundo a qual “os processos de criouliização mais documentados foram engatilhados por eventos de colonização, e estes mostram que, em geral, o superstrato é formado pela língua do colonizador, de maior expansão e alcance no território invadido” (Campetela, Santos, Silva e Silva apud Holm, 2017, p. 161). À luz dessa abordagem, observa-se que a língua kheuol incorpora vocábulos e traços fonéticos semelhantes ao francês, introduzido pelos colonizadores europeus. Cabe ressaltar que o povo indígena Karipuna esteve em contato com as línguas francesa e crioula guianense entre os séculos XVII e XVIII, o que influenciou significativamente a formação linguística da kheuol.

Os povos indígenas foram reunidos em missões jesuíticas no baixo rio Oiapoque e em missões administradas pela França no litoral amapaense. Esses e outros aldeamentos foram depois, durante o século XVIII, transferidos ao baixo Amazonas numa grande ofensiva portuguesa para despovoar a região. Mas a população indígena retornou para o vale do Uaçá, no início do século XIX, em suas próprias embarcações. (VIDAL, 2007, p.14).

Foi apenas a partir do século XX que os povos indígenas passaram a estabelecer acordos comerciais e a manter contato mais direto com outras línguas, o que contribuiu para o surgimento da língua kheuol karipuna — de origem francesa e marcada por processos de criouliização. Essa nova dinâmica linguística facilitou significativamente a comunicação entre os indígenas e os negociantes estrangeiros, especialmente franceses e crioulos, promovendo o crescimento das relações comerciais. À afinidade gramatical entre o kheuol e o crioulo guianense, do qual deriva, permitiu uma interação mais fluida entre vendedores e compradores, fortalecendo os vínculos comerciais entre os grupos.

De forma semelhante, o artigo de Silva intitulado *Documentação e Descrição do Kheuól, Língua Indígena Falada no Uaçá, Amapá* analisa a língua kheuol como uma variedade linguística derivada do crioulo guianense. Segundo o autor, “a língua kheuól é, portanto, uma variedade do crioulo da Guiana que foi apropriada e modificada pelos povos indígenas da região do Uaçá, especialmente os Karipuna” (2023). Esse processo de apropriação e adaptação linguística, resultante do contato colonial, culminou na consolidação do kheuol como língua materna dos Karipuna. Mais do que um instrumento de comunicação, o kheuol karipuna tornou-se uma expressão de resistência, espiritualidade, cosmologia e identidade cultural desse povo.

É importante destacar que, a partir da década de 1930, a língua Kheuol Karipuna passou por um intenso processo de repressão com a chegada da educação escolar ao povo Karipuna, em pleno contexto da ditadura militar. Essa educação, promovida pelo Estado e por instituições religiosas, tinha como objetivo principal a “civilização” e integração dos indígenas à cultura dominante, o que resultou na tentativa de apagar sua língua, seus modos de vida e seus saberes tradicionais. Nessa época, nas escolas, os alunos eram proibidos de falar sua língua materna e de realizar qualquer prática cultural própria; aqueles que desrespeitassem essas normas eram punidos com castigos físicos como joelhos sobre grãos de milho e palmadas com palmatória.

Como observa Tassinari (2003, p. 361): “[...] encontrei mesmo da parte dos ex-alunos, elogios aos antigos métodos da palmatória e da proibição do uso do patois na sala de aula” Essas práticas autoritárias e discriminatórias quase levaram à extinção da língua kheuol karipuna, que foi suprimida pela imposição sistemática do português como idioma oficial.

Na década de 1980, diante do desgaste provocado pelo modelo educacional imposto às comunidades indígenas, os povos da região de Oiapoque passaram a se mobilizar por meio de assembleias para debater os rumos da educação escolar. Conforme destaca Aniká em sua dissertação, um dos pontos centrais dessas discussões era a proibição do uso da língua kheuol karipuna nas escolas. Naquele mesmo ano, durante uma grande assembleia de caciques realizada na aldeia do Espírito Santo, o cacique Tangarra, então com 80 anos, levantou-se e, em sua língua materna kheuol, declarou: “*no pa puve lese no lang djispahet pukisa a li ki ka no apuesãte*” — “não podemos deixar que a nossa língua desapareça, porque ela é a nossa identidade cultural” (ANIKÁ, 2023, p. 20). A partir dessa fala simbólica e mobilizadora, o povo Karipuna decidiu se unir e tomar medidas concretas para preservar e fortalecer sua língua materna, reafirmando-a como pilar de sua identidade e resistência cultural.

## 2.2 A importância da Valorização da Língua Kheul para o Povo Karipuna

A língua kheul karipuna protagonista as grandes conquistas do povo karipuna como por exemplo a Licenciatura Intercultural Indígena, as organizações sociais, demarcação de território e outros movimentos indígenas. Bem como a intensificação das políticas de escolarização com foco em educação indígena no Amapá a partir da década de 1990, inclusive com a implementação de cursos de formação de professores indígenas na UNIFAP, também tem impactado os usos e a visibilidade da língua Kheul karipuna.

O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) completou em 2017 dez anos de atuação na formação de professores indígenas no Amapá e norte do Pará. Ao longo dessa trajetória, além de atender as necessidades e demandas apontadas na criação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de 2005, em virtude da morosidade no atendimento das políticas públicas atuais para a Educação Escolar Indígena ( PPC DO CLII, 2019, p. 07).

A criação do Curso de licenciatura Intercultural Indígena, contribui bastante em termos da preservação da língua e da identidade cultural dos povos indígenas do oiapoque. Partindo desse ponto, a obra de Thomason e Kaufman (1988) é fundamental para compreender os mecanismos de interferência linguística, desde empréstimos lexicais até mudanças fonológicas profundas. Os autores expõem que mudanças fonológicas motivadas por contato costumam ser mais sutis, mas não menos impactantes para a estrutura da língua afetada. Reforçam também que, para se entender a estrutura e funcionalidade de uma língua, é preciso levar em consideração alguns aspectos como: domínio, migração e resistência, fatores esses que fazem outros linguísticos a mudarem a forma de pensar em relação as línguas indígenas e crioulas. “A crioulação não é um processo monolítico; deve ser examinada em termos do contexto sociolinguístico e estrutural em que ocorre (Thomason & Kaufman, 1988, p. 146)”.

Estudos sobre línguas crioulas (Holm, 1988; McWhorter, 2001) também auxiliam na análise da língua crioula guianense, evidenciando como sistemas fonológicos simplificados podem emergir de contextos de contato intensivo. Também, afirma que as línguas crioulas surgem a partir dos pidgins, é a primeira língua falada antes da língua original, ou seja, quando duas nações, começam a ser relacionarem socialmente, e as mesmas não apresentam uma língua comum na qual podem se comunicar, surge os pidgins, uma língua estratégica que ambos grupos adotam para que consigam se comunicar verbalmente, só então, quando essa língua se expande entre a população, é que surge o crioulo guianense. Na visão de Holm os pidgins são: “Os

crioulos são pidgins que se tornaram a primeira língua de comunidade” (Holm, 1988, vol. I, p. 5).

Do mesmo modo, os estudos voltados para o surgimento das línguas, em meio a essa vasta biblioteca digital, podemos contar com os estudos sobre línguas indígenas brasileiras com autor (Rodrigues, 1986; Aikhenvald, 2002) fornecem subsídios para compreender as particularidades fonológicas de línguas como o Kheul. Partindo desse ponto, sua ferramenta de pesquisa são as línguas indígena, o mesmo demonstra compromisso e convicção sobre o surgimento, e fala sobre o processo linguístico dos povos indígenas, que aos olhos de qualquer pesquisador e escritor, cujo tema é ligado a linguística. Segundo a perspectiva de Rodrigues (1986) “As línguas indígenas brasileiras [...] resultam de longos processos de diversificação genética e de contato prolongado entre diferentes povos”.

Com base nesse contexto, esta pesquisa apoia-se em teorias formuladas por estudiosos da linguística, cujas contribuições oferecem fundamentos essenciais para a construção e sustentação dos argumentos apresentados ao longo do trabalho.

### **2.3 Fonética e Fonologia: Conceitos Fundamentais**

A fonética estuda os sons da fala em termos de produção, transmissão e percepção; a fonologia trata de sua organização nos sistemas linguísticos (CAGLIARI, 2002; BARBOSA, 2015). Na análise comparativa entre línguas, examinam-se sons segmentais (vogais e consoantes) e aspectos suprasegmentais (ritmo, acento, entoação). Essas categorias são essenciais para compreender como os sistemas fonológicos do francês, crioulo e kheul se relacionam e divergem.

### **2.4 Características Gerais das Línguas em Estudo**

#### **A língua francesa**

O francês é uma língua românica, derivada do latim vulgar, e uma das línguas oficiais da Organização das Nações Unidas. É a língua oficial da Guiana Francesa, departamento ultramarino da França localizado na América do Sul, onde exerce grande influência nos meios institucionais, escolares e administrativos. No território fronteiro do Oiapoque, o francês é aprendido sobretudo em contextos escolares e nas interações comerciais com moradores de Saint-Georges, cidade localizada na margem oposta do rio Oiapoque (VIDAL, 2007).

## **O Crioulo Guianense**

O crioulo da Guiana Francesa (ou "créole guyanais") é uma língua crioula de base lexicial francesa, formada no contexto da colonização entre os séculos XVII e XVIII, como resultado do contato entre o francês e línguas africanas e ameríndias. Atualmente, é amplamente utilizado como língua do cotidiano nas cidades guianenses, inclusive por brasileiros que residem ou circulam na fronteira. Seu uso é estável e crescente entre as comunidades populares, sendo reconhecido como elemento central da identidade cultural guianense (SILVA, 2017).

## **A Língua Kheul Karipuna**

A língua Kheul é falada pelo povo indígena Karipuna do Amapá, especialmente nas aldeias da Terra Indígena Uaçá, na região do Oiapoque. Sua origem remonta ao contato histórico com o crioulo guianense, sendo considerada uma variedade dessa língua que foi apropriada, transformada e resignificada pelos Karipuna (SILVA, 2023; ANIKÁ, 2021). O kheul apresenta traços fonéticos, lexicais e estruturas que revelam a influência do francês, por meio do crioulo, o que reforça sua natureza híbrida e o caracteriza como produto de um intenso processo de criouliização (CAMPETELA et al., 2017).

Apesar de ser considerado a língua materna da comunidade Karipuna, o kheul tem enfrentado um acentuado processo de perda de vitalidade linguística, sobretudo entre as novas gerações. Pesquisas recentes apontam que o idioma é mais falado por adultos e idosos, sendo pouco utilizado por jovens e crianças, que tendem a adotar o português como língua de maior prestígio e funcionalidade (BARROS, 2017; SONIA, 2021).

## **2.5 Contato Linguístico e Interferências Fonéticas**

O município de Oiapoque apresenta uma situação sociolinguística caracterizada por intenso contato linguístico, envolvendo línguas indígenas, o português brasileiro, o francês e o crioulo guianense. Este cenário de plurilinguismo favorece o surgimento de fenômenos de interferência, empréstimos lexicais, adaptações fonológicas e mesmo o surgimento de novas formas linguísticas (THOMASON; KAUFMAN, 1988).

O contato entre línguas pode gerar interferências e convergências estruturais (RODRIGUES, 1986; THOMASON & KAUFMAN, 1988). No caso do kheul, a criouliização ocorreu sob forte influência do francês (superstrato), mediada pelo crioulo guianense. A língua

resultante apresenta simplificações fonéticas e adaptações articulatorias, fenômenos comuns em contextos de fronteira (CAMPETELA et al., 2017; HOLM, 1988).

Rodrigues (1986) define como convergência linguística a tendência de línguas em contato prolongado compartilharem características estruturais, mesmo sem origem comum. Esses ajustes recíprocos ocorrem, por exemplo, em áreas de grande mobilidade e trocas interculturais, como na Amazônia, onde povos indígenas convivem com outras etnias e populações urbanas.

No caso do Kheul Karipuna, observa-se a presença de fonemas, padrões entonacionais e léxico provenientes do francês, via crioulo, além de particularidades fonológicas próprias, que reforçam sua singularidade. Os processos de criouliização, conforme destaca Holm (apud CAMPETELA et al., 2017), geralmente resultam de situações de colonização, onde a língua do colonizador atua como superstrato, influenciando a língua dos grupos subordinados, como no caso do francês em relação ao kheul karipuna.

### **3. Metodologia**

O estudo adota abordagem qualitativa e descritivo-comparativa, centrada na análise fonética de três línguas em contato: francês, crioulo guianense e kheul karipuna. Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho descritivo-comparativo, centrada na análise fonético-fonológica dessas três línguas. O estudo se insere na perspectiva dos estudos de contato linguístico e da fonética comparada. Consiste na seleção e análise fonética de léxicos retirados de um poema originalmente escrito em crioulo guianense, juntamente com suas respectivas traduções para o francês e para o Kheul karipuna, língua do povo indígena Karipuna. Os resultados apontam para influências linguísticas recíprocas, sobretudo entre o crioulo e o Kheul karipuna, evidenciando um processo histórico de intercâmbio na zona de fronteira. Com isso, o estudo busca promover o reconhecimento das línguas indígenas em contextos multilíngues e contribuir para a valorização e preservação da língua Kheul karipuna.

Para parte da análise de um corpus textual bilíngue-trilíngue, composto por traduções paralelas do poema *Limyè mo santiman*, de Waddy-Many Camby Benoît, escrito originalmente em crioulo guianense. Este artigo está estruturado da seguinte forma: a seção 2 apresenta o referencial teórico necessário à compreensão dos conceitos fonéticos e do contexto sociolinguístico; a seção 3 descreve a metodologia; a seção 4 traz a análise comparativa; a seção 5 discute os resultados obtidos; e a seção 6 apresenta as considerações finais e propostas de

continuidade da pesquisa. Este trabalho está organizado em seis seções, conforme a seguinte estrutura: a seção 2 apresenta o referencial teórico, abordando os conceitos fonéticos e o contexto sociolinguístico relevantes para a compreensão do estudo; a seção 3 descreve a metodologia adotada na pesquisa; a seção 4 realiza a análise comparativa dos dados; a seção 5 discute os resultados obtidos; e, por fim, a seção 6 traz as considerações finais, além de propor caminhos para a continuidade das investigações.

### 3.1 Corpus da Pesquisa

O corpus da pesquisa foi constituído a partir de um poema do autor guianense Waddy-Many Camby Benoît originalmente escrito em crioulo guianense. O poema foi selecionado por conter vocabulário representativo do cotidiano e por possibilitar a identificação de traços fonológicos relevantes para a comparação entre as línguas em foco.

A versão em francês do poema foi elaborada pelo próprio acadêmico, com o auxílio de ferramentas de tradução digital (como o DeepL e o Google Tradutor), e posteriormente revisada com apoio de dicionários bilíngues. Já a versão em kheuol foi construída com o apoio do professor indígena Karipuna Grimoaldo Felipe dos Santos, falante nativo da língua kheuol karipuna, formado e licenciado pela Universidade do Federal do Amapá (UNIFAP) em kheuol, assegurando maior precisão cultural e linguística na tradução.

O corpus é composto por traduções paralelas do poema de *Limyè mo santiman*, de Waddy-Many Camby Benoît:

Foram selecionadas oito palavras recorrentes nas três versões para análise fonética: *femme/fanm/fam*, *pouvoir/pouvé/puve*, *ensemble/ansamb/ãsãm*, *tête/tèt/tét*, *manger/manjé/mãje*, *café/kafé/kafe*, *séparer/separé/sepahe*, *rester/resté/hete*.

### 3.2 Procedimentos Analíticos

Transcrição fonética realizada com base no Alfabeto Fonético Internacional (AFI);

Comparação de sons vocálicos, consonantais e aspectos prosódicos;

Organização dos dados em quadro articulatório tradicional (ponto e modo de articulação).

Limitações: corpus restrito e dependência de um único consultor kheuol, o que impõe cautela na generalização dos resultados.

### 3.3 Considerações Éticas

A coleta respeitou a Resolução CNS nº 466/2012, assegurando consentimento livre e esclarecido do participante indígena. A comunidade Karipuna será informada sobre os resultados por meio de devolutiva escrita e oficinas de sensibilização linguística.

### 3.4 Procedimentos de Análise

As palavras selecionadas foram transcritas foneticamente com base no Alfabeto Fonético Internacional (AFI), permitindo a comparação dos sons em cada língua. A análise foi realizada segundo os seguintes parâmetros:

- Classificação dos sons vocálicos (orais, nasais, fechados, abertos, etc.);
- Classificação dos sons consonantais (oclusivos, fricativos, laterais, etc.);
- Identificação de traços suprasegmentais (como ritmo, tonicidade e entoação);
- Observação de fenômenos fonéticos de contato, como adaptações sonoras, empréstimos e convergências.

Para fins de sistematização da análise, utilizou-se a tabela do quadro articulatório tradicional, dividida em eixo horizontal (ponto de articulação) e vertical (modo de articulação), com destaque para diferenças ou aproximações sonoras entre os idiomas. A partir da comparação das transcrições, buscou-se identificar padrões de influência mútua e aspectos fonológicos que evidenciam o contato linguístico entre as línguas estudadas, com especial atenção para a influência do francês sobre o crioulo guianense e o kheuol karipuna, bem como as possíveis ressignificações fonéticas ocorridas no contexto indígena.

## 4. Análise Fonética Comparativa

Nesta seção, realizamos uma análise fonética comparativa entre o francês, o crioulo guianense e a língua kheuol, com base em oito palavras selecionadas do poema de Benoît, presente nas três línguas. A análise abrange os sistemas vocálicos, consonantais, aspectos prosódicos e fenômenos fonéticos decorrentes do contato linguístico. Para parte da análise de um corpus textual bilíngue-trilíngue, composto por traduções paralelas do poema *Limyè mo santiman*, de Waddy-Many Camby Benoît, escrito originalmente em crioulo guianense.

À escolha deste poema justifica-se pelo uso de vocabulário cotidiano, com termos que apresentam potencial de correspondência semântica e sonora nas três línguas envolvidas: Língua francesa, Crioulo guianense e kheuol da etnia karipuna terra indígena Uaçá. Composto

por 45 versos distribuídos em nove quartetos — ou seja, nove estrofes com quatro versos cada — o poema contém 122 palavras e foi produzido na região de Oiapoque, fronteira com a Guiana Francesa. Seu autor, nativo da Guiana Francesa, é amplamente reconhecido por professores e acadêmicos da universidade local, sendo sua obra de grande relevância para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse contexto, o poema será utilizado como base para as análises fonéticas e fonológicas dos sistemas linguísticos mencionados.

**Français** (Illumine mes sentiments)

Ma belle cabresse

Jolie **femme**

Au bord de la rivière

Cafésoka

Avec sa belle peau

Peuple aymara du même bassin

Elle fait trembler mon intérieur

Lumière de mon sentiment

Nous avons **pouvoir** passer la misère **ensemble**

Porter notre couturière

Nos paniers sur la **tête**

Nos crabes kroukrou

Notre **manger** chibé kwak

Ce que nous avons rôti

Beau-frère

Dans notre terre

Cunani

Nous allons élever nos enfants

Notre petit **café** et notre manioc

Gouvernement Mapa

Ne pourra pas nous **séparer**

Notre sang s'est uni

Pour vivre ensemble

Pour s'appuyer, construire

Chaldéviré

Qui **rester** allumé dans le cœur

Deux eaux réunies

J'ai pris mon badja kusu

Pour porter la calebasse

Deux peuples réunis

Waddy Benoît

Pour vivre la vie

Les plantations envoient des bouchers

La fleur lébèn fleurit

Elle éclaire mon regard d'amour et de lumière

De mon sentiment.

(Versão em francês elaborada pelo acadêmico; Ene dos Santos Silva)

**(Crioulo guianense)**

Limyè mo santiman. WADDY-MANY CAMBY Benoît.

Mo bèl kabrès

Jòlòt **fanm**

Laro larivyè

Kafésoka

Ké so bèl lapo

Moun aymara menm basin

Li troumousé mo landidan

Limyè di mo santiman

Nou ké **pouvé** bat mizè **ansanb**

Poté nou katouri

Nou pannyen a **tèt**

Nou kroukrou krab

**Manjé** nou chibè kwak

Ké nou laroti

Cunhado

Annan nou late

Cunani  
 Nou ké lévé Nou pitit yé  
 Nou ti **kafé** ké kranmanyòk  
 Gouvèlman Mapa  
 Pa pou **séparé** Nou  
 Nou disan kontré  
 Pou viv ansanb  
 Pou sapijé nou bati  
 Chaldéviré  
 Ké **rèsté** limen ké tchè  
 Dé dilo kontré  
 Ma ralé mo badja kusu  
 Pou charyé kalbas  
 Dé moun kontré  
 waddy benoit  
 Pou viv lavi  
 Plantasyon ka voyé boutché  
 Flèr lébèn ka fléri  
 Ka verglé mo wéy di lanmou limyé  
 Di mo santiman

(Versão original em crioulo guianense do poema Limyé mo santiman, de Waddy-Many Camby Benoît)

### **Kheuol Karipuna**

**Fam** joli  
 Obo lahivie  
 (Cafesoka)  
 Ke so lapo joli  
 Pov aimaha dji mên kôte  
 Li ka fe mo txo thâblê  
 Lalamp dji mo sãtximã  
 No ke **puve** bat mizé **ãsam**

Pote no katuhi  
 No pãie **tét**  
 No khukhu khab  
 Mãje no xibé kuak  
 Ke no lahotxi  
 La no laté  
 Kunani  
 No ke levé no tximun-iela  
 No txi **kafe** ke khãmãiók  
 Guvélmã (mapa)  
 Pa pu no sepahe  
 No djisã kôthe  
 Pu viv ãsam  
 Pu xapije no batxi  
 Ke hete limen ke txó  
 Dê djilô kôthe  
 Mo hale mo (Badja kusu)  
 Pu xaie kalbas  
 Dê mun kôthe  
 (Wanddy Benoit)  
 Pu viv lavi  
 Plã ka voie butxe  
 Butxe beben ka luvhi  
 Li ka klehe mo uei ke lâmp (amor)  
 Dji mo sãtximã.

(Versão em kheuol produzida com apoio de um falante nativo Karipuna, residente na Terra Indígena Uaçá, com autorização verbal e registro das formas orais.)

Partindo desse ponto, podemos observar as traduções do poema de Limyè mo santiman, de Waddy-Many Camby Benoit) traduzida para o francês, e por último em kheuol. As palavras cujas apresentam semelhanças sonoras, estão destacadas em vermelho dentro do corpo da obra do autor. Mais adiante no quadro a seguir, apresentamos primeiramente o significado das palavras retiradas do poema em língua portuguesa, em seguida, as mesmas são expostas dento

do quadro de análise comparativa nas suas respectivas línguas, logo em frente na cor vermelha estão suas transcrições fonéticas.

#### 4.1 Sons Vocálicos

A tabela a seguir apresenta as palavras escolhidas e sua forma correspondente nas três línguas:

Português	Francês	Crioulo	Kheuol	AFI Aproximado
Mulher	Femme [fam]	Fanm [fanm]	Fam [fam]	
Poder	Pouvoir [pu.vɛʁ]	Pouvé [pu.ve]	Puve [pu.ve]	
Juntos	Ensemble [ã.sãbl]	Ansamb [ã.sãb]	Ãsam [ã.sam]	[ã.sam]
Cabeça	Tête [tet]	Tèt [tet]	Tét [tet]	
Comer	Manger [mã.ʒe]	Manjé [mã.ʒe]	Mãje [mã.ʒe]	[mã.ʒe]
Café	Cafê [ka.fe]	Kafé [ka.fe]	Kafe [ka.fe]	
Separar	Séparer [se.pa.ʁe]	Separé [se.pa.ʁe]	Sepahe [se.pa.he]	[se.pa.he]
Ficar	Rester [ʁes.te]	Resté [ʁes.te]	Hete [he.te]	

#### 4.2 Observações sobre os vocálicos:

##### 4.2.1 Comparação de sons vocálicos, consonantais e aspectos prosódicos:

As três línguas compartilham vogais orais médias e abertas, como /ɛ/ em "tête"/"tèt"/"tét".

Há presença de vogais nasais (/ã/, /ã/) em "ensemble", "ansamb", "ãsam", evidenciando a manutenção nasal tanto no crioulo quanto no kheuol.

As vogais [u] e [e] são mantidas em palavras como "pouvoir/pouvé/puvé", mostrando similaridade entre os sistemas.

Destaques:

O kheuol tende a preservar as vogais orais e nasais herdadas do crioulo, com ligeiras adaptações fonotáticas.

Em "Resté" > "Hete", nota-se perda da vibrante uvular francesa /ʁ/, substituída por uma consoante glotal fraca, o que reflete um processo de simplificação articulatória.

## 4.2 Sons Consonantais

### 4.2.1 Consonantes Observadas:

Oclusivas bilabiais /p/, /b/, /m/ estão presentes em todas as línguas.

Fricativas como /ʒ/ (em "manger/manjé/mãje") aparecem no francês e no crioulo e são mantidas no kheuol, o que sugere continuidade fonética.

A vibrante uvular francesa /ʁ/, como em "séparer", "rester", é mantida no crioulo, mas frequentemente substituída por /h/ ou omitida no kheuol: "sepahe", "hete".

Consoantes nasais /n/, /m/ aparecem em "femme/fanm/fam", e são preservadas em todas as versões.

### 4.2.2 Destaques:

O kheuol elimina ou adapta sons considerados marcados, como a vibrante uvular /ʁ/, substituindo-a por sons mais comuns em seu sistema (ex.: /h/).

A estrutura consonantal tende a se simplificar no kheuol (ex.: "ensemble > ãsam").

## 4.3 Prosódia e Ritmo

O francês apresenta um ritmo acentual, com sílabas tônicas marcadas no fim das palavras e fluxo melódico regular.

O crioulo guianense tende ao ritmo silábico, com tonicidade mais distribuída e menor variação entoacional.

O kheuol segue a mesma tendência silábica, mantendo o acento primário em sílabas finais, mas com maior fluidez e oralidade no uso.

### Exemplo:

"Manjé", "Mãje" e "Manger" têm acento na última sílaba, preservando o ritmo tônico.

"Ensemble", que tem três sílabas no francês (/ã.sãbl/), perde uma no kheuol: "ãsam", reduzindo o número de batidas rítmicas, o que indica uma reorganização prosódica.

#### 4.4 Fenômenos Fonéticos de Contato

Os dados analisados demonstram fenômenos claros de interferência e convergência linguística, principalmente entre o crioulo guianense e o kheuol, o que confirma os efeitos do contato linguístico na região do Oiapoque.

##### Principais Fenômenos Observados:

Empréstimos lexicais e fonológicos diretos: ex. Kafé mantido em todas as línguas.

Simplificação articulatória no kheuol: supressão ou substituição de fonemas como /ʁ/ por /h/.

Ajuste silábico: a redução de grupos consonantais ou sílabas complexas em palavras como ensemble > ansamb > ãsam.

Manutenção de nasalizações: tanto o crioulo quanto o kheuol preservam as nasalizações do francês, o que mostra forte influência fonética (ex.: pouvoir > pouvê > puvé com nasalização secundária perceptível na fala local).

Esses fenômenos refletem o que Rodrigues (1986) define como convergência linguística, ou seja, a tendência de línguas em contato prolongado a compartilharem traços estruturais devido a ajustamentos recíprocos.

## 5. Discussão dos Resultados

Os dados apontam que o kheuol karipuna preserva traços do crioulo guianense e do francês, mas apresenta reorganização própria do sistema sonoro. A análise revela semelhanças estruturais entre os três sistemas, principalmente entre o crioulo guianense e kheuol karipuna.

A substituição sistemática de /ʁ/ por /h/ e a redução silábica em ensemble → ansamb → ãsam exemplificam adaptações fonotáticas típicas de criouliização.

Culturalmente, o kheuol é um marcador de identidade Karipuna. Sua manutenção depende da transmissão intergeracional e de políticas de revitalização linguística (BARROS, 2017; ANIKÁ, 2021).

Do ponto de vista científico, compreender seus aspectos fonético-fonológicos é essencial para futuras ações de alfabetização bilíngue e produção de materiais didáticos.

### 5.1 Implicações Linguísticas

A persistência de traços vocálicos e consonantais herdados do francês via crioulo, como as vogais médias orais /ε/, as nasais /ã/ e os sons fricativos como /ʒ/, evidenciam a preservação parcial das estruturas fonológicas das línguas de contato. A língua kheuol, nesse sentido, mostra-se como uma variedade fonológica híbrida: mantém elementos estruturais do crioulo guianense, simplifica ou adapta outros e insere marcas fonéticas próprias.

A substituição da vibrante uvular /ʁ/ francesa por /h/ ou sua supressão no kheuol exemplifica um dos principais mecanismos de adaptação articulatória observados. Tal fenômeno sugere um reajuste fonológico consciente ou inconsciente, que torna os vocábulos mais compatíveis com o repertório fonético dos falantes karipuna.

As vogais médias /ε/ e nasais /ã/ mantêm-se em todas as línguas, com pequenas variações de timbre.

O Kheuol substitui a vibrante uvular francesa /ʁ/ por /h/ ou a omite, evidenciando simplificação articulatória.

As três línguas preservam nasais e fricativas semelhantes (ex.: [m], [n], [ʒ]).

Em termos prosódicos, o francês apresenta ritmo acentual; o crioulo e o kheuol, ritmo silábico com acentuação final.

Esses padrões demonstram um processo de convergência fonética e simplificação resultante do contato prolongado entre as comunidades francófonas e indígenas.

### 5.2 Relações Identitárias e Dinâmicas Culturais

A língua kheuol representa, para o povo Karipuna, um marcador identitário fundamental. Ela não apenas serve como meio de comunicação, mas também carrega simbolicamente a resistência cultural frente às pressões assimilacionistas exercidas por políticas linguísticas hegemônicas (como o uso obrigatório do português nas escolas durante o regime militar) e pela expansão das línguas de maior prestígio na fronteira, como o francês e o crioulo.

Conforme apontam Barros (2017) e Aniká (2021), o processo de perda de vitalidade linguística do kheuol está diretamente relacionado à diminuição do número de falantes entre os

jovens. Mesmo assim, a língua permanece viva por meio de iniciativas da própria comunidade, como projetos de valorização cultural e ensino da língua nas escolas indígenas.

### **5.3 Multilinguismo e Contato Linguístico na Fronteira**

A convivência diária entre diferentes línguas na região do Oiapoque (português, francês, crioulo guianense e línguas indígenas) caracteriza um ambiente de plurilinguismo funcional, no qual os falantes alternam entre códigos conforme o contexto sociocomunicativo. Essa realidade favorece o surgimento de fenômenos linguísticos típicos de zonas de contato, como:

- Hibridização lexical e fonética;
- Bilinguismo assimétrico;
- Convergência estrutural entre línguas.

O kheuol surge e se transforma nesse contexto. Sua estrutura fonológica incorpora elementos do crioulo e do francês, mas também expressa uma lógica fonotática particular, evidenciando que não se trata de simples reprodução ou empréstimo, mas de um processo criativo e seletivo de constituição linguística.

### **5.4 A Urgência da Documentação e Valorização**

Os dados analisados reforçam a importância da documentação linguística sistemática da língua kheuol, especialmente em sua dimensão fonético-fonológica. A escassez de registros acadêmicos e materiais didáticos ameaça a continuidade da língua, sobretudo diante do declínio do número de falantes fluentes.

A fonologia é uma dimensão central para a compreensão, ensino e revitalização de línguas em situação de risco. Conhecer os sons da língua, suas articulações e variações permite não apenas descrever seu funcionamento, mas também produzir materiais adequados para a alfabetização bilíngue, formação docente e transmissão intergeracional.

## 6. Considerações Finais

Este artigo apresentou uma análise fonética comparativa entre o francês, o crioulo guianense e a língua indígena kheuol, falada pelo povo Karipuna na região de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. A partir da seleção de oito palavras retiradas de um mesmo poema traduzido para as três línguas, foram identificadas semelhanças e divergências nos sistemas vocálicos, consonantais e prosódicos.

Os resultados evidenciaram que o kheuol carrega fortes traços herdados do crioulo guianense e, indiretamente, do francês. Entretanto, sua estrutura fonológica demonstra adaptações próprias, como a substituição de sons marcados, simplificação de encontros consonantais e reconfiguração prosódica. Esses aspectos reforçam a tese de que o kheuol não é apenas um reflexo do crioulo, mas uma língua viva, que passou por processos criativos de ressignificação sonora e funcional.

A análise também demonstrou que o contato linguístico intenso e prolongado entre diferentes comunidades da região do Oiapoque gerou fenômenos fonéticos de convergência, o que confirma o papel dinâmico do multilinguismo na formação e evolução das línguas locais. Nesse sentido, a fonologia do kheuol não pode ser compreendida fora de seu contexto sociocultural, histórico e político.

Assim, este estudo representa uma contribuição significativa não apenas para as pesquisas sobre o contato linguístico em regiões de fronteira, mas também para a análise dos processos de mudança em línguas indígenas que enfrentam pressões externas contínuas. Além disso, evidencia a urgência de implementar ações voltadas para a valorização e o fortalecimento da língua Kheuol, tanto em contextos formais quanto no uso cotidiano.

Entretanto, o estudo apresenta limites. O corpus utilizado é restrito (oito palavras de um único poema), o que impossibilita generalizações sobre o sistema fonológico completo das línguas analisadas. Além disso, a tradução para o francês foi realizada com apoio de aplicativos e a versão em kheuol dependeu da colaboração de um único falante, o que pode ter introduzido variações não controladas.

Apesar dessas limitações, a pesquisa contribui para a documentação e valorização da língua kheuol e serve como ponto de partida para futuros trabalhos na área de fonologia indígena e linguística de contato. Entre as perspectivas futuras, destacam-se:

- A ampliação do corpus com novos textos orais e escritos;
- A análise sistemática do inventário fonológico completo do kheuol;

- O estudo comparativo de outros níveis da gramática (morfossintaxe, léxico);
- A produção de materiais didáticos fonéticos voltados ao ensino da língua nas escolas indígenas;
- O fortalecimento de ações de revitalização e políticas linguísticas inclusivas.

Reconhecer, estudar e registrar a fonética das línguas indígenas é um passo essencial para garantir não apenas sua sobrevivência, mas também o direito dos povos originários à preservação de sua identidade e memória coletiva.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANIKÁ, M. **Ensino de língua kheuol karipuna na Escola Indígena Jorge Iaparrá**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2021.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 45. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARBOSA, P. A. **Incursões em torno do ritmo da fala**. Campinas: Pontes, 2015.
- BARROS, L. **O som de 10 línguas indígenas em perigo de extinção**. Agência Pública, 2017. Disponível em: <https://apublica.org/2017/04/o-som-de-10-linguas-indigenas-em-perigo-de-extincao/>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- CAGLIARI, L. C. **Fonética e fonologia**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- CAMPETELA, M. A.; SANTOS, R.; SILVA, J. S.; SILVA, M. L. (Orgs.). **Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena no Norte do Amapá**. Macapá: IEPA, 2017.
- FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas. **Línguas indígenas faladas no Brasil**. Brasília: FUNAI, 2022.
- [HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/CONVERG%C3%AANCIA\\_LINGU%C3%ADSTICA](https://pt.wikipedia.org/wiki/Converg%C3%Aancia_Lingu%C3%A1stica)
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: População Indígena por Município**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- RCNEI – **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ROACH, P. **English Phonetics and Phonology: A practical course**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- SILVA, F. J. da. **Documentação e descrição do kheuól**. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2023.
- SONIA, A. C. **Relatório pedagógico da Escola Estadual Indígena Jorge Iaparrá**. Oiapoque, 2021. [Documento não publicado].
- THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.
- VIDAL, L. **Os índios e a nova questão indígena**. São Paulo: FAPESP; Global, 2007.

### Apêndice A – Poema trilingue (fragmento alinhado)

Crioulo guianense      Francês      Kheuol

Mo bèl kabrès Ma belle cabresse      Fam joli

Jòlòt fanm      Jolie femme      Obô lahivie

Laro larivyè      Au bord de la rivièrè      Lahivie bò di rio

Limyè di mo santiman      Lumière de mon sentiment      Lalamp dji mo sãtximã

### Apêndice B – Legenda dos símbolos AFI

Símbolo      Valor fonético aproximado      Exemplo

[ɛ]      vogal média aberta anterior      tête [tɛt]

[ã]      vogal nasal aberta      ansamb [ã.sãb]

[ʁ]      fricativa uvular sonora      rester [ʁɛs.te]

[h]      fricativa glotalhete [he.te]